SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO
ANO XXXVI
31 JANEIRO DE 1980
Nº. 412
Avulso Esc. 10$00

Mensário Escotista Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 LISBOA

35º ANIVERSÁRIO DE SEMPRE PRONTO

UMA NOVA PERSPECTIVA

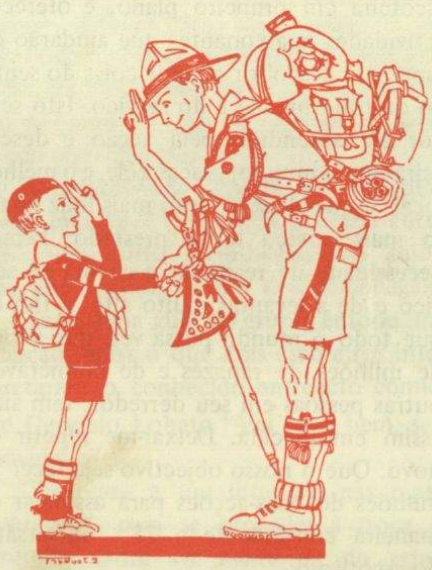
1945

Em 1 de Janeiro de 1945, "Sempre Pronto" publicou o seu primeiro número. "Hora de Esforço" escrevia-se no seu primeiro editorial. Vida de esforço, deveria ter sido afirmado. Toda a existência deste jornal, desde esse momento, tem sido um constante esforço para manter viva esta chama escoteira, através de dificuldades e mudanças, até políticas.

Como, fiéis aos ideais escoteiros, temos um Norte, uma orientação, temos atravessado todas as vicissitudes sem quebra de ritmo, sem correcções de fundo a efectuar. Podemos dizer que a vida de "Sempre Pronto" é uma linha recta, que tem merecido o aplauso e apoio de muitos e a decepção de alguns, que gostariam de uma linha quebrada.

O último ano não foi isento de problemas. Apesar do grave encarecimento dos trabalhos gráficos e das despesas gerais, o jornal pôde melhorar muito a sua apresentação, graças ao apoio da Aliança Nacional das ACMs, que assim aplica o seu programa de apoio ao Escotismo.

Mas houve muitas dificuldades: não foi possível manter uma publicação mensal regular, o que nos forçou à edição de números duplos. O prezado leitor não ficou prejudicado, porque os números vindos a lume eram valorizados com mais vasta colaboração.



1980

Mas uma nova perspectiva vai surgir. O ano de 1980 ficará célebre na história de "Sempre Pronto". Pretendemos alargar a difusão do jornal. Partindo do bom número de assinantes fiéis, com quem temos a honra de contar, vamos fazer apelo a novos leitores, mais assinantes.

A Campanha será seguida por uma remodelação do jornal. Pretendemos assegurar uma publicação regular e afirmar "SEMPRE PRONTO" como jornal escoteiro ao serviço da juventude. Esperamos abrir novas secções, captar novas colaborações, diferentes matérias. Tudo isto é muito possível se pudermos contar com o prezado Leitor e, estamos certos, a sua participação não vai faltar.

"Sempre Pronto" é dos leitores. São eles que o têm mantido; serão eles que o vão projectar no futuro. Queira, neste princípio de ano, comprometer-se nesta tarefa. Venha ter connosco. Ajude-nos!

75º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO ESCOTISMO

UMA CAMPANHA PARA 1982!

Carta ao Editor do "Intercâmbio de Ideias". Suplemento do "Newsletter-Scout": argumentos a favor da noção de serviço. por Vic Clapham - África do sul

Por nos parecer de muito interesse, transcrevemos este interessante trabalho:

Se eu persevero na ideia de um tema fundado na "boa acção" para assinalar o aniversário do escotismo em 1982, corro o risco de ser tratado de "velho-jogo". No entanto, o carvão não está já na moda até que o petróleo venha a faltar no mundo! Eis aqui as principais razões:

O homem é um ser espiritual, embora muitos pareçam ignorar isso num mundo materialista. O Escotismo, na sua base, é um movimento espiritual construído sobre a rocha da promessa escoteira, de que o "dever para com Deus" e "o auxílio ao próximo" – dois elementos indivisíveis – fazem parte integrante. Afastai-os e o Escotismo não existirá mais.

O homem é egocêntrico. Não progredimos como indivíduos senão quando pensamos nos outros em vez de pensarmos em nós próprios em lugar de não estarmos preocupados senão com nós próprios. É aí que reside o segredo da vida e do escotismo. As trevas adensam-se no mundo dos nossos dias e o escotismo deve, hoje mais do que nunca, mostrar aos rapazes como tornar a fraternidade viva por um serviço e um amor significativos para com os seus irmãos. Esta é a missão primeira do Escotismo no mundo, se a promessa significa ainda alguma coisa.

Os sonhos do jovem reflectem os pensamentos de uma alma jovem ainda pouco maculada pelo mundo egoísta que o envolve. Ele sonha com explorações a realizar; injustiças a reparar; ajudar os infelizes. Assim, o jovem representa terreno fértil para acolher grãos de amor, de compaixão, de compreensão e de serviço. Se negligenciarmos semear estes grãos positivos, encontrará muitos egoístas que semearão grãos negativos em seu lugar e desviarão o idealismo dos jovens para servir os seus próprios fins. Nós assistimos a isto todos os dias, em volta de nós.

Não devemos consentir em afirmações tais como que "o rapaz não quer ser bom" e que "a boa acção está *demodée*". Estas são atitudes erradas ou, pelo menos, imprevidentes, que encorajam um materialismo arrogante num mundo para o qual a palavra "bom" não representa mais do que uma simples palavra de três letras e onde a palavra "benfeitor" está ultrapassada. Estes são simplesmente os sintomas da doença da nossa sociedade, para a qual um verdadeiro escotismo é o melhor remédio.

A tarefa do escotismo, com a promessa escoteira em primeiro plano, é oferecer actividades apaixonantes que ajudarão os rapazes a descobrir alguma coisa do sentido da fraternidade e do serviço. Isto será por ele aprendido pela acção e descobrirá que o mundo, graças a ele, é o melhor local, e que ele será tanto mais feliz quanto mais serviço tenha prestado. Temos necessidade de reanimar a chama do serviço e de a levantar muito alto, a fim de que todo o mundo possa ver, que a vida de milhões de rapazes e de inumeráveis outras pessoas em seu derredor, tem sido assim enriquecida. Deixai-me repetir de novo: Que o nosso objectivo seja fazer 75 milhões de boas-acções para assinalar de maneira conveniente o 75º aniversário do escotismo.

SEMPRE PRONTO

PROPRIEDADE
da Aliança Nacional das ACM's de Portugal
DIRECTOR
Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO
Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR
José Eduardo Pena Ribeiro
COLABORADOR
Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA
Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

R. Saraiva de Carvalho, 97 - 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 60 37 78 - 60 36 89

FUNDADO
em 1 de Janeiro de 1945

Assinatura anual: Esc. 100$00

Estrangeiro: Esc. 200$00 – Avulso: Esc. 10$00

AFINAL ONDE ESTÁ A COORDENAÇÃO...?

A propósito da actividade da Região de Lisboa, "Sempre Pronto" publicou em Outubro passado uma nótula que o Grupo nº. 93 - AEP subscreveu e cuja publicação solicitou. A este propósito, recebemos, igualmente com o pedido de publicação, a seguinte carta subscrita pelo nosso caro amigo e colaborador António Augusto da Silva e Cunha, escoteiro-chefe da referida unidade:

Sintra, 26 de Dezembro de 1979

... Director do Jornal "Sempre Pronto"
Lisboa

... Companheiro:

No nº 408/409 de "Sempre Pronto", foi publicada a páginas 7 um comentário da "autoria" deste Grupo relativo à coordenação de actividades escotistas por parte da Região de Lisboa e à sobreposição de acções deste Grupo e da mesma Região, o qual é da autoria do Esc.-Chefe-Ajudante deste Grupo, José António Ribeiro e Cunha e não da respectiva Chefia, como se noticia.

Isto não significa que não haja verdade de factos no referido comentário, simplesmente não seria oportuna tal publicação desde que tais comentários não foram previamente levados ao Conselho Regional, onde este Grupo tem assento, como seria desejável. Tal facto ficou-se devendo apenas à mágoa sentida por aquele dirigente e restantes elementos deste Grupo, segundo me foi dado averiguar, por se terem sentido "sós" aquando de algumas actividades que mais poderiam ter interessado ao bom nome e projecção da própria Associação do que ao próprio Grupo.

Esta a rectificação que solicito se digne tornar pública no "Sempre Pronto", a propósito do referido comentário e que a Direcção deste Grupo, em sua reunião de 22 do corrente mês, me incumbiu de solicitar a esse Jornal, já que a Chefia Regional tem feito trabalho digno de apreço e seria injusto apontar publicamente as deficiências verificadas, apenas resultantes, afinal, de quem trabalha.

Com os melhores cumprimentos escotistas, creia-me "Sempre Pronto a Servir"

(a) António Augusto da Silva e Cunha
Chefe do Grupo

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Os nossos estimados assinantes continuam a expressar-nos a sua simpatia remetendo-nos o valor de suas assinaturas, serviço utilíssimo dada a dificuldade na efectivação da cobrança. No último mês registámos os seguintes pagamentos dos senhores:

ASSINANTES PATROCINADORES

Dr. Ernesto Moreira	150$00
Domingos José de Oliveira Figueiredo	150$00
Albano da Silva	150$00
D. Maria Veloso de Sousa	400$00
Joaquim Tavares de Oliveira	200$00
António Luís Guerreiro	150$00
José Teixeira da Silva	200$00
Prof. Aníbal Ramos	200$00
Fernando Gomes	300$00
Coronel Fernando da Silva Caetano	150$00
D. Maria Guida Correia Melim	200$00
Vítor Manuel da Conceição Ferreira	500$00
Prof. Dr. João Faria Lapa	150$00
João José Santos Fernandes	140$00
João Lobo Miranda Trigueiros	250$00
Arq. Luís Benavente	150$00
Ernesto B. Rola	150$00
João Rocha	300$00

OUTROS ASSINANTES

José Luís P. Machado	100$00
António da Encarnação Amêndoa	100$00
José Joaquim da Costa Braga	200$00
D. Isabel Jesus Delgado	100$00
Manuel Gonçalves Rodrigues	100$00
Vítor Manuel de Lima e Santos	100$00
Manuel Duarte Mendes	100$00
António João Guimarães Garcia	100$00

A todos endereçamos os nossos agradecimentos pela útil colaboração.

CUMPRIMENTOS DE "BOAS FESTAS"

Tiveram a gentileza, que muito agradecemos, de nos enviarem o seu cartão de cumprimentos de "boas festas", os nossos muito estimados amigos senhores José Manuel Moniz Robinson e João Nunes, do Funchal; Amaro J. Pereira Barbosa, da Cova da Piedade; António Viegas Custódio, de Sassoeiros; Victor de Lima e Santos e Joaquim Tavares de Oliveira, de Lisboa. E ainda o Agrupamento nº 119, Coruche, do CNE, e os Grupos nºs 4, Porto; 14, Algés; 48, Damaia; 53, Real, Braga; 60, Vila Real de Santo António e o Grupo de Escoteiros de Portugal em formação em Mem Martins.

Sinceramente retribuímos os votos expressos.



GRUPO 94

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DO NATAL

O 94, grupo de já antigas tradições do bairro da Ajuda, está atravessando um período de bom trabalho, visto que o seu chefe, o nosso companheiro Armando Garcia Inácio, dispõe agora de um bom conjunto de colaboradores, que o apoiam no trabalho da direcção do grupo, após um já longo período de crise, motivado pelas condições de saúde daquele dirigente.

A culminar um ano de trabalho, o 94 levou a efeito, na Academia Recreativa da Ajuda, que mais uma vez cedeu gentilmente as suas boas instalações, a festa de confraternização do Natal, em que colaboraram, além de todo o efectivo do grupo, antigos escoteiros e familiares daquela unidade escotista.

Foi uma tarde agradável, aquela do sábado 29 de Dezembro, em que se assistiu a um espectáculo, que manteve certa vivacidade e movimento e em que se tornaram a ver velhos amigos que a natural evolução da vida tem dispersado.

A festa começou com palavras de boas-vindas do presidente da Direcção da Academia que exprimiu simpatia pelo grupo 94, após o que o chefe Armando Inácio dirigiu algumas saudações à assistência. Logo a seguir, a charanga do grupo dirigida pelo EC Manuel Tacão Monteiro, antigo escoteiro do 94 e também do 60, fez-se ouvir em velhas canções escotistas que a assistência sublinhou com aplausos.

Representou-se depois uma pequena peça infantil, "O macaco do rabo cortado", um tanto prejudicada pela ausência, por doença, de um dos personagens.

Xana, uma guia do grupo, entoou uma canção, após o que dois escoteiros interpretaram o conhecido entreacto cómico de Gervásio Lobato "Vai tudo bem, sem novidade".

Chegou-se a um intervalo nas representações, para se proceder à troca de prendas entre os membros do grupo e alguns amigos do grupo. A assistência seguiu com interesse e curiosidade a surpresa com que, em especial os mais novos, recebiam as prendas que o sorteio lhes proporcionava. Entre os presentes, foram sorteados ainda alguns brindes e leiloados outros objectos, postos "em praça" pelo 94.

Em seguida a este intervalo, houve um número de ilusionismo, por um antigo escoteiro do grupo, que causou certo interesse entre a rapaziada, especialmente.

Foi depois a vez do Professor Apocalypsus, uma bem imaginada imitação de um conhecido número do Planeta dos Homens que vimos na Televisão. A assistência riu gostosamente com as passagens do diálogo, que foi, sem dúvida, dos números mais conseguidos dos apresentados pelo conjunto do 94. A festa aproximava-se do fim, não sem antes se assistir à "Revista Escotista", peça que conta a vinda de um rapaz para o movimento escotista.

E a festa encerrou-se com um animado número de palhaços, também desempenhado a contento.

Agora o que se torna necessário é que os rapazes do grupo ajudense não parem nesta actividade, visto que a maior parte demonstrou certa inexperiência, inconvenientes que só é possível evitar com a organização de mais espectáculos desta natureza.

A FAVOR DAS VÍTIMAS DO SISMO DOS AÇORES

No dia dois de Fevereiro, este Grupo repetirá esta festa no Belém Clube, com entradas pagas. O produto desta iniciativa reverterá integralmente para as vítimas do sismo dos Açores.

COMEMORAÇÕES DO 35º ANIVERSÁRIO DO "SEMPRE PRONTO"

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Colaboradores e amigos do "Sempre Pronto" vão reunir-se em 15 de Março próximo num almoço de confraternização, que se realizará num conhecido restaurante de Lisboa, a anunciar oportunamente.

As inscrições para este convívio deverão ser feitas na nossa Redacção durante o mês de Fevereiro, mediante o pagamento de Esc. 350$00 por pessoa. Depois do repasto, haverá oportunidade para dar a conhecer os planos de expansão do jornal para o ano em curso, pelo que estamos muito interessados na presença de todos os assinantes amigos que têm apoiado este trabalho.

PERCURSORES DA EDUCAÇÃO FISICA

3 – ERA DO RACIOCÍNIO

pelo Prof. ANÍBAL GONÇALVES RAMOS

Inserida nos últimos séculos da Era Antiga e primeiros da conhecida pela do Raciocínio, alonga-se a Idade Média, que decorreu entre os séculos V e XV.

Embora determinadas características persistissem durante o extenso período de tempo da sua existência, como o nascimento de numerosas nações, repetidas invasões de outras, constantes transformações políticas, persistente obscurantismo e profundo misticismo religioso, tentaremos analisar mais atentamente os princípios educativos, de entre eles, em seguimento dos artigos anteriores, os respeitantes ao desenvolvimento físico praticado nesta Era inexistente qualquer plano geral alusivo à matéria por considerado desnecessário ao regime vigente, pode dizer-se que o interesse nacional residia basicamente na eficiência das forças armadas, na expansão do culto para com Deus e nos meios recreativos populares.

Tanto a administração do Estado como as relações sociais e convívio familiar, dependiam fundamentalmente não só do poder absoluto dos senhores feudais mas, sobremodo,da metodologia dos jogos e influência clerical.

Com efeito, no intuito de satisfazer a actividade lúdica das massas e, simultaneamente, afastar-lhes a atenção dos negócios públicos, realizavam-se assiduamente nas povoações de maior densidade e decisão política, encontros de destreza corporal, equivalentes às tumultuosas manifestações colectivas actuais. Nelas, os nobres combatiam e o povo aplaudia delirantemente o seu ídolo.

Uma delas, bem curiosa, consistia nas justas e torneios, isto é, em pugnas, umas cavalheirescas, outras invulgarmente violentas. Nas primeiras, pretendia-se demonstrar galantemente amor à dama cortejada; nas segundas, impor vitória em prova de virilidade amplamente testemunhada; e, finalmente, na terceira, desafronta pública também pelas armas, a ofensas graves dirigidas à virtude de Damas palacianas.

Embora a história não se refira à última, descreve-a Camões com brilho inigualável no episódio "Os Doze de Inglaterra e o "Magriço" (1). Nele, enaltece, tanto a valentia dos fidalgos portugueses ao aceitarem pelejar em nação estranha para defesa de inglesas contra ingleses, como a prontidão de nobremente correrem a arriscar a vida no intuito de poderem, escotisticamente desatar o nó do lenço, fazendo a boa acção na defesa da honra alheia, caluniada.

Enquanto nos combates amorosos, efectuados entre homem e mulher que, ao entrecruzarem-se em corrida equestre veloz, se alvejavam mutuamente com pesado ramo de rosas, os restantes patenteavam extrema dureza. (2)

Derivaram das lutas travadas entre gladiadores nos círculos romanos. Aperfeiçoadas no decorrer do tempo, praticavam-se de igual modo em recintos limitados, providos de cotação adequada à enorme assistência que ansiava por as apreciar.

Sofreram alterações profundas de adaptação ao psiquismo da época. Os deslumbrantes cenários engalanados com valiosas colgaduras e vistosos adornos, lados-a lados com luxuosas comodidades às damas e nobres cavaleiros, contribuíam eficazmente para os valorizar.

Os golpes rápidos e certeiros vibrados por competidores de alta estirpe, cuja ascendência geneológica, por grandemente distanciada dos servos, a estes infundia mais temor que respeito, excitava-os. E em grau tanto maior quanto o ardor combativo empolgado pelo barulho ensurdecedor dimanado simultaneamente de berros estridentes, apupos, aplausos e desordenados gestos, ora com as mãos, ora com os pés, traduziam profundo escape dos instintos guerreiros da turba, até então recalcados.

Por igual, infante e cavaleiro, assim como a montada, apresentavam-se com o corpo revestido de armadura metálica, que nalguns casos atingia o peso aproximado de 48 quilogramas. Rara era a festa isenta de mortes. No ano 1043, em Neus, perderam a vida 42 cavaleiros num único torneio e 16 noutro, em Darmstadt. O cerimonial, por invulgar, transcreve-se seguidamente:

"À frente, marchava o piquete de infantes, logo seguido de terno de trombetas, timbales e tambores; após os escudeiros, os cavaleiros, o rei do torneio, acompanhado por outros magnates. Fechava o cortejo um sacerdote e o cirurgião para prestar assistência à alma e ao corpo de qualquer dos combatentes em perigo de vida". (3)

— Não menos perigosas e espectaculares eram as corridas de quadrigas, apresentadas primeiramente nos Jogos Olímpicos, depois nos jogos solenes da Grécia e círculos de Roma.

Os participantes impunham-se à admiração geral, não só exibindo a sua robustez, a resposta imediata dos reflexos neuromusculares e o equilíbrio instável no limitado apoio dos pés em transporte levíssimo, mas também sob o aspecto da sumptuosidade e garbo das parelhas de raça puríssima, brancas de jaspe, que os transportavam.

Os históricos e lindos carros cobertos de peças de ouro, prata e marfim incrustadas em baixo-relevo, representando figuras pagãs, irmanavam em brilho e beleza com os formosos cavalos ricamente arreados, de peles provenientes de raros animais africanos.

As competições efectuadas em corridas tão rápidas quanto desordenadas, os choques mútuos laterais, tão violentos quanto destruidores, as quebras de lanças nos escudos dos adversários, tão certeiras como profundas, causavam quedas vertiginosas e bastas vezes mortais.

O carácter de agressividade, absolutamente oposto ao espírito religioso, discordava das pias ideias em franco progresso, as quais aconselhavam proteger o semelhante e não aniquilá-lo. Razão essa crescida pelo desmembramento do Império Romano, consequente das múltiplas invasões dos bárbaros e crescente influência cristã, é que influíram decididamente na anulação dos aguerridos jogos.

Se não se verificasse a possibilidade do clero, com sua formação humanista e autoridade quer espiritual, quer temporal, incontestada na época, albergar,nas suas instituições, bibliotecas recheadas de superior cultura, óleos dos mais célebres pintores, esculturas de mestres eminentes e valiosos documentos históricos, jamais seria possível libertarmo-nos do obscurantismo da Idade Média para despontar a Era do Raciocínio. Mas a sua influência benéfica não se limitou a actuar como simples refúgio da ciência. Ultrapassou-o. Padres e monges constituíram os únicos elementos transmissores da instrução através das suas leccionações nos conventos.

De entre os numerosos meios utilizados pela Igreja na difusão do Cristianismo, destacavam-se as Cruzadas. Consistiam em expedições de arreigados cris-

Continua na pág. 9

NUGAS

2.ª Série

I

Se os povos da Europa meridional, os chamados Latinos, são tidos na conta de faladores verbosos, tal apodo veste-os como uma luva: não difícil chegar depressa a tal conclusão ao ouvi-los falar: um napolitano, um provençal, um andaluz ou um português, em especial um algarvio.

Crê-se que tal faceta do temperamento latino lhes terá advindo de nascerem e viverem em regiões quase sempre banhadas de sol, o Sol "amigo dos heróis" e gera a alegria, o entusiasmo, o gosto de viver, ainda que gentes, como os *lazzaroni* de Nápoles, não tenham eira nem beira. Já o grande poeta Frederico Mistral assinalou o facto ao escrever: "O Sol faz-nos cantar". E os seus cantos ainda hoje enchem de alegria a alma dos Provençais.

Não pretendo – longe disso! – esmerilhar a questão para a esclarecer: qual seria a razão por que os povos do Sul da Europa são loquazes como o eram com exuberância os gregos da Ática e da Ásia Menor há mais de 2000 anos, tendo o nosso continente estado durante séculos sob o domínio férreo do Romano, que não era um povo loquaz por essência? Temos de render-nos à evidência e partir deste pressuposto para se fazerem algumas breves e inócuas considerações.

Os Portugueses, exceptuando os transmontanos e os alentejanos, sem possuírem a exuberância, digamos a garrulice, dos Italianos e dos nossos vizinhos Espanhóis, participam desse defeito (segundo se me afigura), do que todo o mundo é testemunha. Viajando num autocarro, em caminho de ferro, no metropolitano, se tivermos de enfileirar numa "bicha" junto de uma bilheteira, entrar em qualquer estabelecimento de modas, por exemplo, logo depararemos a espécie em toda a sua exuberância, a falar, sempre em tom elevado de voz com uma prolixidade de deixar homem atónito tantíssimas vezes quanto à vacuidade ideológica das conversas. E com frequência, quando duas pessoas dialogam, se assiste a conversas (?) em que as palavras se atropelam ao saírem em borbotão da boca dos palestrantes.

Todavia, esta tagarelice, ao contrário do que possa supor-se, não reside apenas na classe popular, na quase generalidade inculta, pois a encontramos, infelizmente em nossos dias, até em homens (e mulheres *et pour cause*...) conhecidos por intelectuais. O "fenómeno", até há poucos anos observável em encontros casuais de reuniões particulares, portanto em locais mais ou menos vedados à observação do exterior, entrou agora, e sem cerimónia, nos nossos lares através da televisão depois de ensaiar os primeiros passos na rádio. Quem possa munir-se de paciência para seguir as mil-e-uma entrevistas televisionadas e as numerosas "mesas-redondas", certas palestras de intuitos políticos, sociais e técnicos, terá oportunidade de verificar como entre nós é hoje vulgaríssima a habilidade de falar sem dizer nada...

Parece-me, assim o crêem os homens de razão, que para falar há uma condição prévia: haver assunto a justificar a exposição. Gente há, porém, capaz de falar unicamente pelo prazer de falar para se ouvir a si mesmo.

Independentemente dos povos nórdicos, gente avessa à verbosidade excessiva do meridional e habitualmente "metida consigo", como sói dizer-se, os franceses do Norte diferem dos do Sul diametralmente, talvez pela forte percentagem de sangue germânico, talvez pelo rigor do clima, talvez pelo sistema de educação muito diferente do usado entre os Latinos. Ao que creio, é o severo domínio da Razão que, imperando no seu temperamento de latinos mesclados, faz que, quer falando, quer escrevendo, os Franceses se expressem com objectividade e clareza, qualidades fundamentais da sua língua admirável.

Se compararmos, ainda que perfunctoriamente, a literatura francesa, por exemplo a do século XVII (*le Grande Siècle*) com a dos seus vizinhos Italianos e Espanhóis, logo saltará à vista a diferença profunda que vai de um Cervantes, de um Quevedo, de um Calderón, de um Lope de Vega ou de um Tirso de Molina, ou então de um Poliziano, de um Tasso ou de um Castiglione, a um Racine, a um Corneille, a um Molière, para não me referir a um Descartes, a um Boileau, a um La Bruyère, ou a um La Rochefoucauld. Estavam então ainda muito longe as rebeldias de Vítor Hugo, de Teófilo Gautier, de Alfredo de Musset e os desvarios do Ultra-Romantismo. Os Setecentistas franceses, fiéis aos ditames da Razão, procuravam destacar, através da sua arte, os homens pelo seu carácter, exactamente por ser o carácter que os distingue entre os seres vivos.

Citei antes La Bruyère, um dos grandes escritores daquele século, observador arguto e atento do meio cortesão que escapelizou nos seus célebres *Les Caractères*, de onde respiguei esta frase, transcrita na língua original para lhe não alterar o sabor:

> *"Il faut chercher seulement à penser juste sans vouloir ammener les autres à notre goût et à nos sentiments; c'est une trop grande entreprise".*

Preconizava o grande escritor o domínio individual do pensamento que deve manifestar-se com justeza pelas palavras precisas e sem intuitos proselíticos que lhes tirarão todo o valor.

Entre nós, de sobra se sabe, é frequente a espécie do "catequista" autoritário (tomado o termo figuradamente), ou seja aquele que crê (e muitas vezes tem o despudor de afirmá-lo) senhor da verdade e, assim, a quer impor a quem o escuta. E o mais lamentável é abundar a espécie entre os "intelectuais", e exactamente por o serem (ou crerem candidamente sê-lo) esquecem a modéstia, diga-se mesmo a humildade que deve caracterizar todo o homem de pensamento, o sábio, o professor, o investigador, o escritor.

Grande parte das polémicas célebres travadas entre nós a partir do século XVIII, originaram-se na intolerância (em certos casos pela ignorância) dos intervenientes, tantos dos quais apresentaram com entono as suas ideias ou combateram com violência espectacular (frequentemente insultuosa) as de outrem.

Raras vezes as críticas (quando o eram de facto) se expressaram com clareza e com objectividade, utilizando-se em muitos casos o argumento *ad hominem*, tão do gosto de portugueses, e servindo-se de uma aluvião, verdadeira chuva de palavras, usadas, em maioria esmagadora, para encobrir o vazio das ideias, ou (o que não é infrequente) a falsidade da posição do impugnador. Um exemplo, e dos mais significativos, me ocorre trazido pelo eco longínquo da minha remota adolescência. Antigo Ministro e deputado durante a

Continua na pág. 10



AS FLORES DA PRIMAVERA

O tempo melhorara bastante e um sol acariciante convidava a um mais íntimo contacto com a Natureza. Por isso, naquele dia, a lição versara exactamente um tema – a Botânica – que em todos despertara o maior entusiasmo, verdadeiro alvoroço, isto porque, numa zona rural, tudo o que fale de plantas, tão familiares à gente dos campos, tem por força de atrair as atenções gerais.

D. Alice explicara o que era uma flor:

– A flor é composta, normalmente, por quatro partes distintas: o cálice, a corola, os estames e os carpelos.

E exemplificava, mostrando aos alunos um ramo de graciosos malmequeres brancos que trouxera consigo.

O certo é que a classe revelava inegável interesse, entusiasmo talvez, pelos ensinamentos da professora. A esses rapazes e raparigas nunca uma flor merecera tamanha atenção. Convenciam-se de que, até essa altura, tinham olhado sempre as flores desprevenidamente, quase não as vendo, por assim dizer. Mas agora, ao estudá-las, compreendiam, enfim, que uma flor é de facto algo de muita beleza e de muita mais importância do que julgavam.

– As flores são de facto maravilhosas – disse em determinado momento a Ritinha, como se acordasse de um sonho.

Ao que Ricardo retorquiu:

– Sim, há flores muito bonitas, mas outras há que, por acaso, não têm lá grande graça...

– Não, não! – ripostou imediatamente o Carlos – não concordo! Há de facto flores mais bonitas que outras, mas, vendo-se bem, todas elas têm sempre o seu quê de belo...

Uma outra menina, a Gisela, desabafou:

– Estou de acordo. É verdade que há rosas muito bonitas, mas verificamos que até aquelas flores que pisamos pelos caminhos têm igualmente certa beleza, quando as observamos com atenção...

A professora comentou:

– Pelo que dizes, Gisela, vejo que é a rosa a flor de que mais gostas, não é verdade?

– Sim, possivelmente. É claro que gosto muito de rosas, mas há outras flores que não são menos belas...

Estava gerada a discussão: qual era a flor mais bela? Rapidamente a questão passou a interessar toda a classe. Cada qual emitia o seu parecer: uns resolviam-se pelas rosas, outros pelos rainúnculos, outros ainda pelos goivos, pelas orquídeas, pelas glicínias e muitas outras. Unanimidade é que não havia.

– Se vissem uns lírios que há lá em minha casa! – gabava-se o Carlos, convicto da sua razão.

– Ora, ora! Ao pé das túlipas – atalhou o Rui – acho que ficam a perder de vista. Nunca vi flores tão simples e tão delicadas!

A professora seguia com evidente curiosidade o diálogo em que cada qual desejava, à viva força, que a própria opinião vencesse, todavia sem resultados visíveis. Até que resolveu de novo intervir:

– Pois bem. Depois desta troca de impressões, que aliás muito me agradou, chego à conclusão de que gostais muito de flores, o que acho muito bem. Por isso, vou propor-vos uma ideia que acaba de me surgir: os que cultivam flores em casa vão pedir aos pais que lhes dispensem uma delas e trazem-na amanhã para aqui. Iremos, então, estudar essas flores, e depois de as observarmos atentamente, cada um dará opinião, a fim de escolhermos a que acharmos mais bela. Valeu?

– Sim, sim, minha senhora – disseram todos à uma.

Era realmente excelente a sugestão, pois que desencandeara uma verdadeira onda de entusiasmo. Daí em diante, todos ansiavam por que o novo dia chegasse o mais depressa possível, a fim de se iniciar a sugestiva competição.

No meio da satisfação de toda a classe, a lição prosseguiu. A conversa predominou ainda sobre o estudo doutras particularidades do mundo vegetal, com muito proveito, dado que todos passaram a conhecer melhor esse útil e aliciante capítulo da ciência.

Finda a aula, rapazes e raparigas dirigiram-se para suas casas, trocando impressões e falando com entusiasmo do que nesse dia tinham aprendido. No trajecto, aperceberam-se da enorme quantidade de flores que abundavam no local, flores em que, até aí, quase não tinham feito reparo. Além das que, desveladamente tratadas, enfeitam os pequenos jardins dos casais que bordam a estrada, floresciam ainda imensas plantas silvestres que, embora à míngua de recursos, não deixavam, todavia, de prosperar pelas bermas do caminho, pelos taludes, nas sebes, pelos campos fora, por toda a parte, enfim. Era na verdade um opíparo banquete de beleza o que se oferecia aos olhos, só então extasiados, daquele punhado de moços.

Uma profusão de figurantes agitava-se nesse imenso palco da Natureza. A cada passo, a vida manifestava-se em mil e uma formas diferentes: flores solitárias, flores em espiga, em cacho, em umbela. E as cores? Que maravilha e que variedade de tons! Por certo jamais artista algum sonhara com mais requintados primores.

As borboletas, aos pares, davam-se a estonteante e ininterrupto bailado de inesperadas circunvoluções. Mais além, entregues à faina da recolha do pólen, as abelhas saltavam de flor para flor. E uma multidão doutros insectos, dos mais diversos feitios, cores e dimensões, não descansava na luta pela sobrevivência, voando, correndo, sempre a granjear o sustento no imenso celeiro da Natureza. Nos ares, o passaredo exagerava em satisfação, juntando a esta elegia o doce timbre dos gorjeios, qual mavioso arranjo orquestral para ouvidos privilegiados. Os trabalhadores, nas leiras, assobiavam cânticos populares, enquanto amanhavam a terra. A paz impregnava os ares, refrescados pelas sombras do arvoredo. Era efectivamente um daqueles formosos dias com que a Natureza por vezes nos contempla.

Embalada por esta visão paradisíaca, Gisela chegou finalmente a casa. Tratou logo de contar à mãe o que fora e quanto lhe agradara a lição. Ofegante de entusiasmo, era mais uma flor que se deslocara dos prados até àquela humilde casinha.

Após descrever as peripécias da manhã, desabafou:

– Mãezinha, pode crer, só hoje reparei bem em como são bonitas as flores, mesmo as que se encontram abandonadas por estas terras fora. Delas, qual a

Continua na pág. 8

SOLIDARIEDADE: A NATUREZA E O ESPÍRITO

Da revista "Triângulo Vermelho", da ACM, com a devida vénia.

Dr. David Freire

Espírito é também natureza. Mas num outro plano. É aquilo que faz do homem... homem.

Lembro, com certo horror, a cena sinistra a que assisti, há muitos anos, em águas africanas: um peixe ferido que deslizava para o fundo, atacado e devorado – até à espinha – pelos seus irmãos de espécie. Não podemos negar que os homens se entredevoram igualmente; mas neles, até essa energia, destruidora é negativa, transporta consigo um "reforço" que *reinventa*, uma *racionalização*, uma *carga de valor* que o separam decisivamente (e *qualitativamente*) do universo animal. Do universo animal sem consciência criadora e consciência (clara) de si-mesmo. Os seres humanos criticam e sintetizam, são sensíveis a realidades que ultrapassam o nível primário do fenómeno de alcance imediato; o homem, "ser que se possui", consegue transitar para a zona "meta-instintiva" de um amor – ou de um ódio – produto do seu "eu" superior. Esta realidade, misteriosa e funda, que consiste numa natureza que supera a "Natureza natural" de todos os seres existentes não-humanos, é difícil de explicar. Não faz sentido considerar as dimensões de "bem" e de "mal" no vasto universo vegetal ou animal que nos rodeia. Aí, a "sobrevivência pura" em que o indivíduo – não lhe podemos chamar eu – triunfa, graças ao esmagamento implacável do outro, impõe-se de modo rigoroso. E são realmente "seres de autêntica pureza" essas criaturas inconscientes que, de acordo com o soprar dos ventos instintivos, tão depressa nos deslumbram com os seus cuidados "maternos" como nos repugnam porque devoram os próprios filhos...

A solidariedade, gerada entre os portugueses, pela catástrofe que se abateu sobre uma parte do seu país, estimula a reflexão em torno destes problemas.

Que faz com que os homens acudam fraternalmente, em auxílio uns dos outros? Que maravilhoso "sentido do outro" é esse que nos sintoniza com a dor do próximo? Não existe, na verdade, teoria política, ou socio-política, que explique tal atitude. Todos vimos, na Televisão, desfilar as dádivas aos sinistrados – com realce para os "anónimos" que não querem "que a sua mão esquerda saiba o que faz a mão direita" – e sentimos, dessa e de tantas outras maneiras, a presença radiosa e vital do amor solidário para com o próximo que caracteriza o espírito de tanta gente, fazendo do homem, homem, fazendo do homem pessoa. Nos grandes momentos de aflição, o espírito sobrepõe-se à natureza – substancialmente egoísta – e a autêntica solidariedade nada tem a ver com modas e rotinas ou meras "lamechices caritativas".

Será realmente nosso, apenas nosso, este VALOR que nos faz saltar as barreiras impostas por uma Natureza fechada nas suas duras regras e nos seus ritmos inevitáveis? O sistema nervoso central, com a sua complexidade celular, explica este "sentido do outro"? Cremos que não. "Santa" Teresa de Calcutá ensina-nos que toca no Corpo de Cristo quando toca no corpo dos seus pobres. É bem possível que a verdadeira solidariedade – o AMOR cantado em Coríntios por S. Paulo? – seja o preciso ponto de encontro entre o divino e o homem.

Os Perigos do Tabaco

O FUMADOR INTERROGA – "TABACO: FAZ MESMO MAL?"

O semanário "Expresso" mantém nas suas colunas um útil "Consultório Médico" aberto aos seus leitores. Há semanas atrás, um leitor perguntava:

Senhor Doutor:

SOU FUMADOR há muitos anos e fumo cerca de dois maços por dia. Toda a gente me diz que o tabaco faz mal, mas sinto-me tão lindamente, que por vezes penso que isso do tabaco fazer mal é um bocado de história. Pelo menos é exagerado. Não terei um pouco de razão?

Albano L.
Amadora

O MÉDICO RESPONDE: – NÃO TEM, NÃO, SENHOR!

Não tem, não, senhor! Nem pouco, nem nada! E a continuar assim é você que passa à história e mais breve do que supõe ou gostaria! Além do mais, com dois belos fins à escolha: – cancro do pulmão ou enfarte do miocárdio! Rica opção não acha?

E isto no caso de ter a sorte de uma morte relativamente rápida, pois pode acabar mais lentamente sofrendo durante anos de um enfisema, com o que, respirar e obter oxigénio para uns pulmões que deixaram de funcionar, serão as suas únicas preocupações.

Então que diz a estas perspectivas? Acha que nós, médicos, quando aconselhamos a deixar de fumar, o fazemos apenas porque não simpatizamos com a cor do tabaco ou porque embirramos com as companhias manipuladoras do mesmo?

Se você algum dia visse os pulmões de um fumador abertos em cima da mesa de entoprio, cheios de alcatrão, nunca mais tocava num cigarro. E se imaginasse quão dolorosa e difícil pode ser a morte de um doente com cancro de pulmão, então veria se exageramos ou não!!

Sempre que fuma um cigarro, os principais componentes do fumo que ingere são o alcatrão e a nicotina. O primeiro vai paralisar e destruir as células que revestem os brônquios e os pulmões, dificultando a passagem do oxigénio para o sangue e lentamente provocando alterações em algumas células, as quais estarão na base do cancro do pulmão. A segunda, passa através dos pulmões para o sangue e vai provocar contracções das artérias chamadas coronárias que irrigam o músculo cardíaco ou miocárdio (o coração é fundamentalmente um músculo que se contrai e dilata 80 vezes por minuto e que como todos os músculos necessita de ser alimentado e irrigado por sangue a ele trazido por artérias próprias).

Essas contracções, conjuntamente com outros factores, impedem as artérias referidas de cumprir a sua função e daí o aparecimento de angina de peito, quando a deficiência em oxigénio trazido pelo sangue ao músculo é passageira, ou o enfarte do miocárdio, quando a deficiência é total.

Como vê o meu caro leitor tem quadros muito claros à sua escolha. Deixa ou não de fumar?

Não deixa, não, senhor doutor! É capaz de fechar todas as janelas com medo das constipações, mas deixar de fumar, não! Para isso, é preciso força de vontade e ele não a quer ter.

Os nossos contos

Continua na pág. 6

mais bonita? Sinceramente, não sei. São todas tão harmoniosas que, na verdade, não sei por qual me decidir. Se escolho as rosas, penso logo que as camélias são aliciantes também. E o perfume dos cravos, o vistoso das hortênsias, a pureza das dálias? Não sei, não sei. Gosto de todas elas, porque, se prefiro uma, sinto logo que estou sendo injusta, visto que outras mereciam igualmente a minha escolha.

A mãe observou-lhe então:

– Vê, Gisela: efectivamente há flores, muitas flores, extremamente belas, maravilhosas mesmo. O que faz com que acabemos por preferir uma delas, quem sabe se não é apenas uma questão que depende mais do gosto do apreciador na altura do que propriamente do grau de maior beleza que essa flor realmente possua? Isso mesmo se passa com outras coisas. Não podemos agradar, ou desagradar, de igual modo a toda a gente. Uns gostarão de nós, outros não. Torna-se necessário é que o motivo de desagrado não se fique a dever a culpa nossa, nem a negligência, falha ou erro da nossa parte.

– Mas, ó mãe, – interrompeu Gisela – eu que tanto desejava que toda a gente gostasse de mim!

– Isso não é sonho realizável – explicou-lhe a mãe. – Põe de parte essa preocupação, que aliás nem te seria útil. Se pretendesses agradar a toda a gente, nunca chegarias a agradar muito a alguém. Que gostem de nós aqueles que devam gostar de nós. É natural e aceitável que haja quem não goste de nós, até porque essa simpatia quem sabe se não nos seria conveniente, nem sequer abonatória. A amizade é sentimento precioso de mais para que a desbaratemos.

Gisela ficou pensativa com a lição que acabara de ouvir. Compreendeu que nem de tudo e todos devemos gostar e que nem todas as amizades nos servem. Ao fim de certo tempo, resolveu-se a perguntar:

– Mãezinha, então faço bem em gostar tanto de flores, não é verdade?

– Decerto. As flores são dignas da nossa admiração, visto que são belas e úteis. Adornam a paisagem e produzem as sementes que hão-de dar origem a novas plantas e as novas flores. São boas companhias porque perfumam os ares e purificam a nossa mente. Desintoxicam-nos.

Após este curioso diálogo, o resto do dia decorreu, para Gisela, sob os benfazejos sentimentos do culto das flores. Por mais esforços que fizesse, não conseguia alhear-se da sensação de beleza que, repetidas vezes, sobrevinha ao seu espírito. Embora entregue à execução dos deveres diários, era de vez em quando assaltada por estas interrogações: – "Qual será, de facto, a flor mais bonita? Que flor hei-de levar amanhã para a escola? São todas tão bonitas!" Como se sentisse impotente para lhes dar então resposta cabal, acabava por sossegar logo que sobre a sua mente descia a acalentadora esperança de que, ao chegar a oportunidade, havia de tomar a decisão acertada.

Assim se passaram as horas.

Na manhã seguinte, quando Gisela se entregava aos preparativos para seguir para a escola, a mãe chamou-a:

– Gisela, chega aqui.

Obedeceu prontamente, como estava costumada. Sua mãe levou-a, então, à janela, aberta de par em par diante da larga encosta, sobranceira à casa onde viviam. Apontando para o exterior, disse-lhe:

– Vê, Gisela, vê como estão os campos.

Gisela debruçou-se e não pôde suster um grito de espanto:

– Ih! Que maravilha!

Efectivamente, em toda a extensão, o mato estava vistosamente engalanado de flores, de pequenas flores amarelas, tal como se alguém tivesse estendido, durante a noite, uma enorme e magnífica alcatifa por sobre aquele pedaço de terra. Deslumbrada, Gisela não se cansava de admirar essa ridente visão. Ei-la, imóvel, contemplando o esplendente espectáculo, pensando que nunca alfombra mais valiosa atapetara o mais sumptuoso palácio.

– Mas como é lindo, mãezinha, como é lindo! – repetia ela.

E ajuntando:

– Agora já sei: são estas as mais bonitas flores. Estou certa de que, por mais que procure, não as encontrarei, com certeza, mais belas. Estas, sim, asseguram-me que a Primavera chegou!

De mãos unidas, como numa prece, e com uma expressão esfusiante de encanto, Gisela não dava pela passagem do tempo. Até que sua mãe decidiu chamá-la à realidade:

– Gisela, são horas de ires para a escola, está-se fazendo tarde. Achas então que estas são as flores mais bonitas?

– Se acho! Não tenho a mínima dúvida.

– Pois digo-te que escolheste bem. São realmente maravilhosas estas flores. Deves, contudo, atentar no seguinte: o seu valor provém sobretudo da força do conjunto. Cada uma, de per si, não é mais que um singelo malmequer, desprovido dos atavios que grande parte das flores que conheces possui em abundância. Separada das outras, cada uma destas flores de pouco vale. Quase passaria despercebida. Em conjunto, são o magnífico espectáculo que estás a ver.

Daí a pouco, Gisela, com os olhos cheios de tanta beleza, abalou para a escola. Marchava alegremente, convencida, como estava, de que as mais belas flores não podem ser outras senão aquelas que nos anunciam que a Primavera finalmente chegou!

Joel Ribeiro

E VEM AÍ O JOTA-1980!

O tempo voa e, após cada mês, outro mês vem. Por isso, não é de estranhar que a Organização Nacional já se esteja a debruçar sobre o XXIII Jambori no Ar, que se realizará no fim-de-semana de 18 e 19 de Outubro p. f. É esse aviso que a O. N. dá em circular que acaba de ser distribuída, a fim de que tudo esteja a postos na altura devida.

Será bom que mais alguns escoteiros ou guias tirem a carta de radioamador durante este ano, a fim de poderem participar mais efectivamente na grande jornada do Outono.

Para já, os grupos concorrentes devem enviar à Organização Nacional a comparticipação de 50$00 para custeio de parte das despesas com publicações que lhes serão remetidas ao longo destes meses. O esforço dividido suporta-se melhor.

Outro pormenor a ter em atenção é o de comunicarem ao O. N. o indicativo especial que pretendam utilizar no próximo JOTA, o que é feito por determinação do Director de Radiocomunicações dos CTT. Essa comunicação terá de ser feita até 15 de Abril p. f., acompanhada de um cartão de QSL de amador, sem o qual o pedido não poderá ser satisfeito.

★

Continuação da pág. 9

tãos que, arregimentados em colunas compactas, caminhavam para a Terra Santa com o fim de expulsarem dela os hereges.

O nome adveio-lhes por transportarem apensa nas costas do fato grande cruz de pano, homóloga à de Cristo. Com alimentação incerta, repouso irregular e marchas forçadas, percorrendo distâncias quase incomensuráveis durante meses e meses, muitos não chegavam ao termo, ou só o conseguiam diminuídos fisicamente pela doença. Mas, sob o ardor da Fé, desprezando a própria vida, lançavam-se à conquista das povoações mouras para seguidamente, plenos de beatitude, as ofertarem, em nome de Deus, aos reis católicos, de entre os quais D. Afonso Henriques, de Portugal, beneficiou da sua ajuda na tomada de Lisboa.

No propósito de esclarecermos o processo, transcreve-se:

"Durante um período de mil anos escraviza-se a razão, detém-se o progresso científico e perseguem-se, duramente, quantos discordam das crenças ortodoxas". (4)

O humano esquecimento, através de longos séculos, dos horrorosos sofrimentos impostos pela multidão uivante aos vencidos, nas lutas travadas nos estádios; a natural reacção ao procedimento atrás confirmado, de que obra alguma se realizava livremente, mas sempre sob jugo impiedoso, não do privilégio religioso mas do fanatismo católico; a ambição instintiva do homem se libertar do obscurantismo angustiosamente sofrido na extensa Idade Média; e, sobretudo, a influência de novas e sábias doutrinas, constituíram lei universalmente seguida na adopção de princípios educativos recentes.

As teorias educacionais inspiradas nos estudos dos antigos, especialmente nas obras gregas, foram magistralmente expostas por Loke no célebre "Ensaio sobre o Entendimento Humano" e por Jean-Jacques Rousseau no "Emílio".

Mais tarde, já na época experimental, a permissão de estudar nos cadáveres humanos, por intermédio da autópsia, aliado ao descobrimento em todos os ramos da ciência, traz novas bases à Educação Física.

A Renascença motivou evolução rápida das actividades culturais. A brutalidade inicial transmudou-se; substituindo a suavidade patente dos jogos da péla, malha ao paulito, tiro de besta ao alvo, do século XVI, ténis do XVII, luta corpo a corpo de ataque e defesa, esgrima e hipismo.

A par do movimento de investigação anatofisiológica orientado por Nicolas Andrez Bois, Regard e M. Tissot, iniciadores em França da ginástica correctiva, surgem outros ramos da educação física complementares indispensáveis à formação do indivíduo moderno. Este quer-se íntegro, não só no pensamento e correcção corporal, mas também na possibilidade de se realizar totalmente como valor positivo na sociedade.

A partir dos fins do século dezanove, limitamo-nos, em Portugal, às boas vontades, entusiasmos desordenados e experiências catastróficas, especialmente nos desportos. Oficiais do Exército e civis desprovidos de habilitações específicas, leccionavam a modalidade na Casa Pia de Lisboa, Ginásio Club Português, Associação Cristã da Mocidade (1º Grupo de Escoteiros de Portugal) e noutras instituições com menor relevo. Mas, ponderando o facto, não o incriminamos. E a razão é bem patenteada no extracto seguinte:

"Tempo houve em que, sem escolas para os formar, os professores saíam justamente de entre os que praticavam os exercícios físicos. Foram os primeiros, foram os precursores, desbravaram o caminho, e quando não existissem outras razões, estas justificavam plenamente a muita gratidão que todos lhes devemos" (5)

Contudo, o caminho ascendente continua: em 1920 publica-se o Regulamento Oficial de Educação Física, cuja autoria principal é de Viriato da Fonseca Rodrigues; anos após, é criada a Escola de Esgrima do Exército; em 1930, a Escola Superior de Educação Física, substituída em 1940 pelo Instituto Nacional de Educação Física, o qual recentemente deu lugar ao Instituto Superior de Educação Física.

Ultimamente, destacaram-se entre outros pedagogos, os Doutorados António Leal de Oliveira, cursado na Universidade de Gand, e Celestino Feliciano Marques Pereira, pelo Instituto Central e Real de Ginástica de Estocolmo e o Prof. sueco Curt Johansson.

O primeiro, analisa fisiológica e morfologicamente, a actividade funcional resultante dos exercícios de ginástica educativa e correctiva, com e sem aparelho, no seu bem esquematizado e utilíssimo "Manual de Ginástica".

O segundo distingue-se na metodologia especialmente da lição rítmica feminina musicada, onde foi verdadeiro Mestre; deve-se-lhe grande parte da técnica ainda hoje realizada na modalidade. Entre a numerosa bibliografia publicada em francês e língua nacional, é de distinguir o competente e completíssimo Tratado de Educação Física.

Ao terceiro – justo é afirmá-lo – o País fica-lhe devendo normas de ensino juvenil masculino de valor didáctico dificilmente ultrapassável, já na complexidade e lenta progressão de seus exercícios actuantes e artísticos, sempre recebidos pelos alunos com agrado filial. Actualmente, a sua técnica ainda não sofreu alteração visível no nosso meio.

Actuaram simultaneamente no Lisboa Ginásio Club, na Rua dos Anjos, ao tempo priviligiado com numeroso e distinto escol de Mestres, do qual tivemos a suprema felicidade de sermos modesto Decano, por mais de trinta anos. Concomitantemente foi alfobre de professores, que proficientemente ministram o ensino da modalidade por todo o Território.

Aníbal Ramos

NOTAS

(1) Doze de Inglaterra e o Magriço
"Lusíadas" Canto VI,
Estâncias 43 a 69

(2) "Notas Comtemporâneas"
págs. 214 e seguintes
Eça de Queirós

(3) "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira
Volume XXXII

(4) "História das Ideias Políticas"
Raymond G. Gettel
Inquérito – Lisboa, 1936

(5) "Educação Física"
Quintino da Costa
Lisboa, 1944



Continuação da pág. 5

NUGAS

I República, um dia, no Parlamento e contra as disposições do regimento interno, falou consecutivamente durante 12 horas com o objectivo de dar oportunidade à chegada de deputados do seu partido (o do Governo de então) que haviam faltado à sessão, estando em jogo a sobrevivência do Ministério dependente da existência de *quorum* partidário!

Nos dias que estamos a viver o fenómeno surge com mais frequência no campo político-social, sendo pródigos em palavras Ministros, deputados, delegados sindicais, simples trabalhadores, gente da rua, jovens e idosos, mulheres até (em todos os tempos verbosas...), que, por entre o fluxo das palavras (fossem elas ao menos ordenadas dentro do respeito pela correcção gramatical), pretendem expor aquilo a que chamam as "suas ideias", sem previamente as haverem passado pelo crivo de rigorosa reflexão e as meditarem, as pesarem mentalmente, as avaliarem no seu alcance, na sua oportunidade, na sua exequibilidade.

Afastadas as nuvens de pó que embaciam ainda a visão do homem de hoje, postas de parte todas e quaisquer ideias proselíticas (respeitando a liberdade dos antagonistas), apenas no intuito de se chegar ao menos ao limiar de uma futura época de clarificação mental, na qual a sensatez e a correcção pessoal dos Portugueses possam vir a ser a sua característica como povo civilizado com um grande passado histórico (que tantos, por ignorância, e outros por má-fé, pretendem renegar), é com melancolia, com tristeza mesmo que cheguei à conclusão de que os vícios apontados no começo destas notas persistem agravados, não sendo possível destruí-los sem uma profunda reforma do nosso sistema educativo, desde a Escola Primária até às Universidades, se instaure para, em duas ou três gerações, se lhe verem os primeiros frutos. Mas que seja um sistema educativo de portugueses para *todos* os Portugueses e não cópia ou adaptação desajeitada de qualquer sistema estrangeiro destinado a povos de idiossincrasia totalmente diferente da nossa.

Todavia, o principal papel a desempenhar caberá, como sempre, aos pais: são eles quem modela o espírito das crianças, lhes faceta a alma, antes de as entregarem à Escola.

Terão alguma vez a grande maioria dos pais, mesmo os da chamadas classes elevadas, meditado com seriedade nas suas grandes responsabilidades perante o futuro, melhor ainda, perante a sua própria consciência?

A. ÁLVARO DÓRIA

Escoteiros de Portugal em Lamego

A "Voz de Lamego" publicou em 20 de Dezembro passado o interessante artigo que reproduzimos quase na íntegra. Louvamos a sua Redacção pelas palavras de justiça e sugerimos às unidades escoteiras iniciativas semelhantes.

FORMAS CONCRETAS DE PRÁTICA ECOLÓGICA

Há poucos dias visitei o castelo de Lamego e, ao tomar conhecimento da sua nova realidade, fiquei perplexo e admirado.

Quem o conheceu num estado lastimoso, degradante, inestético e quem o visitou de novo, encontrando-o agora bem conservado, limpo, estético chega à inevitável conclusão de que foi uma decisão feliz e acertada entregar o castelo ao cuidado dos Escoteiros, chefiados pelo sr. Humberto.

O castelo actual é um monumento agradável que merece ser visitado pelos lamecenses.

Não há dúvida de que foi uma forma acertada e inteligente de conservar o nosso património arquitectónico e um exemplo que deveria ser seguido em relação a muitos dos nossos monumentos que por vezes estão votados ao abandono e até à destruição.

Os movimentos de escuteiros e de escoteiros praticam muitas das suas actividades em contacto directo com a natureza e daí nasce uma profunda sensibilidade ecológica, interessando-se pela preservação da Natureza e tudo o que merece ser conservado.

Conheço o chefe Humberto, homem dotado de qualidades extraordinárias, ecologistas, e não tenho a mínima dúvida de que o castelo de Lamego está aos cuidados de boas mãos.

Aproveito este meu artigo para lhes prestar a minha homenagem e admiração pelo seu trabalho desenvolvido e desejo-lhe muitas felicidades e ânimo para continuar com a sua obra.

Também gostaria de focar no meu artigo: o cuidado e a atenção que as autoridades camarárias de Lamego têm para com a beleza e a preservação do património arquitectónico e cultural da nossa cidade.

Conheço grande parte das cidades do nosso país e, no meu parecer, nenhuma cidade, dá um aspecto tão belo e aprazível como Lamego.

A nossa cidade é limpa, com jardins bem tratados e conservados, vendo-se flores e plantas em muitos pontos da cidade. Tem boas zonas verdes, não apresentando zonas degradadas como em muitas cidades.

Mas toda esta atenção ecológica só tem acontecido nos últimos anos.

O actual presidente da Câmara de Lamego ao invés da grande maioria das Autoridades, que têm mentalidade tecnocrática, já deu provas de que tem consciência ecológica, o que felizmente é motivo de regozijo para um ecologista.

. . . . . .

Jaime Lopes Gonçalves

VERA FERNANDES RIBEIRO E CUNHA

Depois de prolongado sofrimento, a que resistiu com ânimo extraordinário, finou-se em 6 de Janeiro corrente, a sra. D. Vera Fernandes Ribeiro e Cunha, natural de Sintra, com 56 anos de idade, esposa dedicada do nosso estimado amigo sr. António Augusto da Silva e Cunha, escoteiro-chefe do Grupo nº 93, de Sintra, e colaborador deste jornal desde a fundação. Era mãe do escoteiro-chefe ajudante dr. José António Ribeiro e Cunha, do mesmo grupo, casado com a antiga guia D. Maria Carolina Sá Viegas Cunha, e avó da pequenina Rita João.

D. Vera Cunha acompanhou sempre com entusiasmo as actividades escoteiras de seu marido e filho, tanto em Angola como em Sintra, e o seu espírito alegre e pronto a servir, grangeáva-lhe inúmeras amizades.

Todos os que trabalham em "Sempre Pronto" apresentam as condolências mais sentidas a sua família, mas muito particularmente aos nossos caros companheiros António A. Silva e Cunha e dr. José António Ribeiro e Cunha.



NATAL DE ESCOTEIROS

No passado dia 22 de Dezembro, foi realizada a Festa de Natal dos escoteiros do Grupo nº 4 e exibidos dois números de teatro, um pelos escoteiros e outro pelos lobitos, que foram do agrado de todos os espectadores que eram familiares e amigos. Também foram entoadas canções escotistas aplaudidas e animadas pelos característicos gritos.

Ao principiar, a subchefe de alcateia, Ana Maria Patrício Afonso, fez um resumo de todas as actividades promovidas pelo Grupo e agradeceu, em nome dos escoteiros, a presença e o interesse demonstrados.

A terminar, foi servido um chá.

Depois da Festa, efectuou-se uma reunião da chefia com os guias e subguias das patrulhas, a fim de se elaborar o Programa de Actividades para 1980. – *D. Figueiredo*



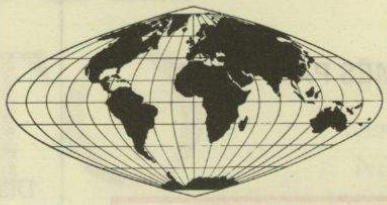
O PRESENTE PASSADO

Não esqueço na vida
quanta verdade ferida
tinha a maior pureza...
... As torturantes saudades,
as mentirosas verdades
que não são da Natureza!
Quando eu me esquecer,
é certeza estar a morrer
na minha Terra Portuguesa.
Não esqueço a mocidade
viciada e perseguida
a pretexto de em seguida
lhe dar uma nova verdade.

Quero ser água de fonte
correndo para o mar,
por amor me elevar,...
... e não ter a vida "a monte"

Joaquim Tavares de Oliveira

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO



NA SUÉCIA

REALIZOU-SE UM SEMINÁRIO PARA ESTUDO DA COEDUCAÇÃO NO ESCOTISMO

Segundo informa o "Scout Newsletter", realizou-se em Ystad, na Suécia, em Setembro passado, um seminário não-oficial aberto às associações escoteiras mistas e unidas, para estudo informal do controverso problema da coeducação no Escotismo. Estiveram presentes 39 participantes de 11 países europeus e observadores da Organização mundial do movimento escoteiro e da Associação mundial das guias e escoteiras.

Os participantes neste seminário elaboraram propostas que irão ser submetidas aos dois comités mundiais, entre outras:

1) criar um organismo de informações sobre programas de coeducação e de formação de chefes, sobre os problemas constitucionais e sobre todos os aspectos do escotismo que interessam particularmente às associações mistas e unidas;

2) formar um grupo consultivo de todas as associações que se tenham já unido ou que são mistas e aquelas que procuram sê-lo no futuro;

3) fornecer ajuda às associações desejosas de pôr em prática actividades mistas internacionais;

4) fazer propostas a fim de alterar as Constituições de ambas Organizações Mundiais de forma a que se possa conduzir a um acordo entre elas acerca das associações mistas ou unidas, sem que isso afecte as outras associações.

Este Seminário foi uma inovação importante porque foram as associações de escoteiros ou de guias que abriram o diálogo sobre um certo número de assuntos controversos que foram discutidos com uma grande franqueza com representantes convidados das duas organizações mundiais.

★

SER ESCOTEIRO

Ser escoteiro
não é só ir acampar.
Ser escoteiro
é viver;
Ser escoteiro
é sonhar;
Ser escoteiro
é ter alma, é ter sonhos de criança;
Ser escoteiro
é poder ter sempre esperança;
Ser escoteiro
é saber e perceber
que ainda há muito a fazer;
Ser escoteiro
é largares, de vez e para sempre,
o teu egoísmo egocentrista;
Ser escoteiro
é seres sempre optimista;
Ser escoteiro
é deixares de viver dentro do teu casulo,
feito de poucos "todos" e muitos "nadas";
Ser escoteiro
é nunca mais vegetares por entre as ameias
do teu castelo de fadas;
Ser escoteiro
é saber surgir da bruma,
é tentar compreender,
é não desaparecer como a espuma
de uma vida que nunca soubeste viver.
Ser escoteiro
é lembrares-te, sempre com um sorriso,
quando a vida te negar o que sempre te deu,
que há, algures, num lugar pouco preciso,
um amigo que é teu.
Ser escoteiro
é saberes que nunca estás só,
e nunca serás cinza e pó,
mesmo depois de a chama da vida se apagar
em ti,
porque tens, agora e sempre, um lugar aqui.
Ser escoteiro
é, enfim,
ouvires a voz que te diz:
"Ser escoteiro é ser feliz!"

Ana Melo
(14 anos)

(Do relatório do JOTA-79 do Grupo 93, com a devida vénia).

DE MÊS PARA MÊS



PATERNALISMO

A falta de êxito de muitos grupos de escoteiros é consequência directa do paternalismo dos dirigentes. São chefes do SEU grupo de escoteiros, admitem uns rapazinhos, que ficam sob SUA protecção, e procuram fazer tudo para que eles, coitadinhos, possam fazer escotismo. Têm de lhes dar o fardamento; pagar as passagens; obter material; levá-los a acampar; fazer-se acompanhar da mulher para fazer a comida aos meninos. São autênticos grupos de beneficência, mas os rapazes, que querem ser eles próprios escoteiros, aborrecem-se e desaparecem.

Ora o sentido é completamente inverso. O grupo de escoteiros não é do chefe, mas dos rapazes. Os escoteiros não são do chefe, mas o chefe é que é dos escoteiros. São os rapazes que fazem o grupo, que compram o fardamento, que pagam as passagens, que adquirem o material, que cozinham, que programam, que trabalham.

Mas como? Os rapazes é que sabem! Eles são capazes de imaginar mil e uma maneiras engenhosas de fazer todas essas coisas desde que os deixem, a eles, programar, fazer, realizar.

É para isso que existem as Patrulhas e o Conselho de Guias.

E a ajuda do Chefe? Não se aflijam. Se os rapazes precisarem de ajuda, saberão solicitá-la. Mas não seja paternalista, caro Chefe, o Grupo é dos rapazes e eles sabem muito bem desembaraçar-se das dificuldades. Deixe-lhes a iniciativa. Ajude-os mas não os substitua!

EFEMÉRIDES

FEVEREIRO

Dia 22 – 4.º aniversário do Grupo 53 – – Braga.
Aniversário dos nascimentos de Lorde e "Lady" Baden-Powell.
Dia do Pensamento

Dias 22/26 – 1956 – Realizou-se em Lisboa, a II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos.

Dia 28 – 1956 – Falece o prof. dr. António Augusto Curson, que foi presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal.

*

O TABACO!

MONÓXIDO DE CARBONO NO CIGARRO

A maioria dos fumantes pensa que a nicotina e o alcatrão são os dois únicos componentes perigosos no cigarro. Mas isto é um engano. Além da nicotina, a "fumaça azulada" tem uma série de outros venenos, inclusive o monóxido de carbono, que é altamente venenoso. Este gás sem cheiro (cuja fórmula química é CO) que resulta da queima incompleta de tabaco e papel inibe o abastecimento de oxigénio no corpo. A cada cigarro, o fumante de certo modo "abre um pouco o bico de gás" para seus pulmões.

Mas não é só isso: segundo resultados de pesquisa publicados agora na "Revista Médica Alemã", o monóxido de carbono, mesmo sem a contribuição dos outros venenos na fumaça, provoca sérios danos às paredes internas das grandes artérias. Noutros termos: nas doenças do coração e da circulação típicas do fumante, este gás que ninguém conhece parece desempenhar um papel tão grande quanto o da nicotina.

(Tribuna Alemã)
Transc. de Novas de Alegria

NO GRADIL, CONCELHO DE MAFRA, FOI INAUGURADO UM GRUPO DE ESCUTEIROS DE PORTUGAL

Em 12 e 13 de Janeiro corrente, a freguesia do Gradil, esteve em festa. Fundava-se naquela pitoresca localidade um grupo de Escoteiros de Portugal, que recebeu o n.º 45.

Na festa de inauguração, que constou de velada de armas no sábado e compromisso de honra dos novos escoteiros, estiveram presentes muitos companheiros, nomeadamente membros do CNE e da AEP, nomeadamente os agrupamentos da Sé, de Almada, e Freiria (CNE) e grupos n.os 2 (Ajuda), 12 (Sassoeiros), 47 (Amadora), 48 (Damaia), 84 (Entroncamento) e 93 (Sintra). Presente também a equipa regional de Lisboa e o escoteiro-chefe nacional adjunto António Augusto da Silva e Cunha.

Perante o escoteiro-chefe António José Rodrigues, prestaram compromisso de honra dez escoteiros, três escoteiras e um dirigente. "Sempre Pronto" esteve representado pelo nosso colaborador Carlos Conde.

★

COLABORADORES

Este mensário tem a satisfação de contar com um grupo de colaboradores, que dedicadamente nos prestam gentis e bons serviços. Em face do plano de alargar a difusão do nosso jornal e, simultaneamente, criar novas secções, o quadro dos nossos colaboradores vai ser alargado. Não faz por isso sentido que na ficha técniça do jornal figurem determinados nomes, enquanto ocultamos outros. Somente por esse motivo, retirámos os nomes dos nossos dedicados amigos e colaboradores srs. A. C. Lapa Conde, Ernesto Clímaco do Nascimento e Luís Garcia, que continuam no entanto a pertencer aos nossos quadros. Capitolino Ferreira Macedo, que é membro fundador do "Sempre Pronto", permanece como promotor de iniciativas.